



**XVII CONGRESSO BRASILEIRO DE ASSISTENTES SOCIAIS
11 a 13 de outubro de 2022**

“Crise do capital e exploração do trabalho em momentos pandêmicos: Repercussão no Serviço Social, no Brasil e na América Latina”

Autores: Mirian Maria De Oliveira ¹, Marcos Paulo Teodoro ²

**ENSINO REMOTO EMERGENCIAL – (ERE) E SEUS DESDOBRAMENTOS NA VIDA DOS
DOCENTES DO CURSO DE SERVIÇO SOCIAL**

RESUMO

Este artigo tem como objetivo analisar os processos desgastantes do Ensino Remoto Emergencial -ERE, bem como compreender a instalação desse projeto com vias de sucateamento das universidades públicas, precarização e responsabilização do trabalho docente e construção de um projeto de extinção de muitos programas de Graduação e Pós-graduação das Universidades Públicas brasileiras. Com olhar atento aos Programas do Serviço Social, para compreender como se dá a instalação do ERE, e quais têm sido os enfrentamentos no momento da Pandemia da Covid-19.

PALAVRAS-CHAVE: Ensino Remoto Emergencial (ERE), Covid-19, Serviço Social.

ABSTRATC

This article aims to analyze the exhausting processes of Emergency Remote Education-ERE, as well as understanding the installation of this project with scrapping routes of Public

1 Puc-são Paulo

2 Puc-goias

Universities, precarious, and responsible for teaching work and construction of and extinction project of many undergraduate and graduate programs of many Undergraduate and Graduate Programs of Brazilian Public Universities. With a close look at the Social Work to understand how the ERE is installed, and what the confrontations have been at the time of pandemic of Covid-19.

KEY WORDS: Emergency Remote Learning (ERE), Covid-19, Social Work.

INTRODUÇÃO

O ano é 2020. Se instala no mundo um vírus, uma pandemia mundial que, aparentemente, lembra um filme de ficção científica, mas é vida real, e lutamos “[...] contra um vírus invisível ao olho humano que, se não tem uma letalidade tão grande, de qualquer forma se transformou num inimigo comum às várias nações [...]”, é o que retrata Freitas, Almeida e Lole (2020, p. 214).

O Brasil é reconhecido pelos seus afetos, e é inegável que um aperto de mão, um abraço mais caloroso, fazem parte das relações humanas. Esses sentimentos são um diferencial no nosso país. Contudo, o mundo presencia de um distanciamento necessário. Os afetos, em especial no Brasil, foram interrompidos. E os autores continuam “[...] um vírus que não nos permite os abraços, o toque, o beijo, o aperto de mãos na chegada e na saída. Logo nós, um povo que adora rir, tocar, abraçar [...]” (Ibid.) difícil lidar com essa situação de

restrição “[...] estamos restritos a encontros por detrás de uma máscara, a toques protegidos por luvas e a festas via programas on-line. Que estranho mundo novo será esse?” (Ibid.)

Em meio a essa crise pandêmica, temos muito que refletir: muitas crueldades se alastram pelo país, entre elas, e que se faz necessário refletir, é a situação do ensino. Quais os adensamentos que têm ocorrido neste momento? Como os docentes estão enfrentando essa pandemia? O que requer muito mais do que força de vontade, conhecimento maior do que muitos doutores imaginariam como necessário um dia possuir, como o de viver em uma sociedade com práticas sociais mediadas por tecnologias.

1 - ENSINO REMOTO EMERGENCIAL - ERE

O ERE – Ensino Remoto Emergencial – é uma mudança curricular que ocorrerá por um curto - ou longo- período. É uma solução provisória sistematizada que permitirá, durante a Pandemia da Covid-19, possibilitar à comunidade acadêmica a capacidade de se manter, dentro de suas possibilidades, as atribuições e atividades de ensino, uma vez que as estratégias pedagógicas e didáticas foram pensadas para diminuir os impactos das medidas de isolamento social sobre o ensino. Essas estratégias, que podem ser feitas por intermédio de tecnologias, colaboram na manutenção dos vínculos intelectuais e sociais de toda a comunidade acadêmica durante a pandemia.

Apesar de ser fortemente discutido em várias universidades públicas e privadas, o ERE não se trata apenas de uma alteração na modalidade de ensino, pois as disciplinas oferecidas durante a pandemia serão articuladas via ERE, e adaptadas de acordo com a didática de cada professor e de cada aluno, no uso das tecnologias.

A forma como as universidades públicas e privadas estão conduzindo o ensino superior tem sido uma preocupação em escala mundial. Muitos docentes tiveram que se reinventar, não só nas estratégias de ensino, mas principalmente no quesito tecnologia. Percebe-se, com isso, que muitos docentes nunca se preocuparam com essas tecnologias exigidas, tendo em vista que não é fácil manter-se atualizado em um mundo que gira tão rápido, e a tecnologia avança a passos largos. Além disso, também, o uso de tecnologias nunca foi quesito necessário à docência.

A posição da ABEPSS foi contundente em relação ao retorno das aulas na

modalidade remota:

[...] Defendemos de modo contundente, que **nenhum docente, pesquisador ou estudante** de Serviço Social **deve ser coagido a realizar atividades acadêmicas, sejam elas presenciais ou à distância**. É momento de colocar como prioridade as ações preventivas de saúde, evitando mais mortes, reconstruindo os vínculos solidários e coletivos de uma sociedade fraturada – bem antes pelos interesses do grande capital, do que pelo novo Coronavírus (grifo nosso) (SARS-CoV-2) (ABEPSS, 2020, p.269)

Os docentes, impactados com toda essa crise, ficaram entre “a cruz e a espada”³: defender a volta às aulas presenciais seria um ataque de loucura diante da proliferação da doença, e, ainda na época, sem vacina:

[...] Com exceção dos serviços de saúde, segurança, assistência social, alimentação e bancários – **considerados essenciais no enfrentamento** e contenção de infectados pelo novo coronavírus – as demais atividades foram imediatamente suspensas. [...] **generalizou a modalidade do trabalho remoto** como alternativa mais segura para manter os serviços funcionando e intensificou a adesão e a **expansão do uso de tecnologias informacionais** nas Universidades e Institutos Federais do nosso país (BARBOSA; NASCIMENTO, 2020, p.125, grifo nosso).

Porém, não voltar às aulas presenciais acabou dando suporte e fortalecendo um dos projetos neoliberalistas, que é o sucateamento do ensino. Fazer as aulas presenciais, pelas quais lutamos tanto por construir, tornarem-se, assim, remotas.

Sobre as medidas adotadas pelo novo Governo Federal, e que afetam de forma negativa as condições de trabalho, a ABEPSS, CFESS, CRESS-RJ e ENESSO, em sua nota para a revista *Temporalis* Ano 20, afirma:

[...] as mais recentes normativas do MEC, como a Portaria nº 544, de 16 de junho de 2020, **dispõe sobre a substituição das aulas presenciais por aulas digitais**, enquanto durar a situação de pandemia do novo coronavírus [...]. São portarias emitidas de **forma autoritária e sem nenhum diálogo com a sociedade**, no intuito de **flexibilizar a Legislação Educacional**, [...], provocando um **nítido aumento de desigualdades já existentes** no ensino superior [...] e na qualidade da formação em Serviço Social (ABEPSS, 2020, p. 307, grifo nosso).

³Expressão Idiomática que tem um sentido cultural: Estar num dilema, em situação de saída difícil ou impossível. Cf: [Estar Entre a Cruz e a Espada | Expressão | Português à Letra \(portuguesalettra.com\)](http://portuguesalettra.com)

São várias preocupações em pauta: as desigualdades já existentes, sendo aprofundadas nesse momento com o trabalho docente remoto. Questiona-se se esses profissionais estão, de fato, prontos para assumirem a era digital sem maiores problemas. A qualidade do ensino e da formação, nesse caso, adentrando, ora aqui na formação em Serviço Social, será, de fato, tranquila a implementação de uma nova modalidade de ensino?

E muitos docentes ainda não se sentem capacitados para a nova era digital. Esse novo modelo de ensino exigirá do profissional mais do que títulos de formação acadêmica. Ter conhecimento digital passou a ser uma exigência global e de extrema importância. A nota ainda chama a atenção:

Com diferentes nomenclaturas e narrativas, propostas de Ensino Remoto Emergencial (ERE) apresentadas nas universidades do Brasil, **possuem visíveis fragilidades, em suas bases legais e em seus pressupostos pedagógicos e de planejamento das atividades de ensino** [...] aqui se abre um campo de debate sobre as contradições que envolvem esse processo, na medida em que as Universidades Privadas **levaram docentes e discentes a praticarem essa modalidade, como forçosa condição de manutenção do trabalho** (p.307-308, grifo nosso).

Esses apontamentos merecem uma profunda reflexão em tempos de precarização, flexibilização, desregulamentação, privatização, em que aos conhecedores dessas palavras, causam verdadeiro pavor, ao que de fato o Brasil pode se tornar em poucos anos se nada for feito. E não estamos falando aqui de um projeto pós-pandemia, e sim de um projeto desenvolvido em longo prazo, e que só se aprofunda em meio à pandemia.

2 – FUNÇÃO IDEOLÓGICA DA PALAVRA – DO CAPITAL OU DO DOCENTE?

Quando se fala da função ideológica da palavra, estamos falando da apropriação de palavras para o “bem comum” segundo MONTAÑO (2014, p. 29) “A função ideológica da “palavra” aqui expressa seu lado opressor: quem detém o saber, quem controla a linguagem, tem trilha aberta para dominar o outro.” mas aqui não estamos falando do conhecimento e do poder que o docente tem, e que tem chamado a atenção “poder de Ideologização do Docente”. Montañó não está falando disso. Ele traz algumas palavras que são utilizadas pelo capital para esconder os verdadeiros sentidos:

Exemplos disso: “ajuste estrutural” ou “reforma do Estado”, para denominar um processo de perda de direitos e conquistas no âmbito do Estado; [...] “Globalização”, como um processo sem sujeitos, escondendo a verdadeira mundialização do capital; “publicização” para tratar de processos de efetiva privatização; “exclusão social”, como conceito substituto da exploração; “capital humano”, “capital social”, “capital verde”, visando “humanizar” o conceito de capital (p. 29-30).

Os ardis por detrás dessas palavras são inconcebíveis aos olhos de meros mortais. Assim MONTAÑO, completa: “Vivemos, portanto, numa era onde tudo tende a ser fetichizado, ideologizado, reificado, mistificado, naturalizado, fragmentado, ocultando-se assim o verdadeiro significado das coisas [...]” (MONTAÑO, 2014, p. 30). Aproveitando o momento pandêmico, insere-se uma nova lógica de acumulação. Assim aponta Teodoro (2020):

No **capitalismo típico**, o **trabalhador aliena sua força de trabalho** para terceiro em troca de contraprestação, e o capital, através do **excedente** da força de trabalho, extrai o que Marx denomina de **mais valia**. Na **nova lógica de acumulação**, o capital utiliza-se do excedente da força de trabalho, **mas também da extração dos dados** dos seus usuários para obter lucro. Os usuários, por sua vez, **alienam seus dados** e suas subjetividades **sem saber para quem**, para onde irão e como isso poderá afetar as suas vidas (TEODORO, 2020- p. 255, grifo nosso).

Essa nova lógica de acumulação entra em nossas vidas e se instala sem pedir licença, uma vez que se não entrarmos “na onda”, seremos excluídos: “Universidades privadas levaram docentes e discentes a praticarem essa modalidade, como forçosa condição de manutenção do trabalho” (ABEPSS, 2020, p. 308). É necessário compreender que não se trata de um projeto novo, que acabara de nascer, mas, sim, de um golpe arquitetado há anos, como pontua Barbosa e Nascimento:

[...] já vínhamos sofrendo, mesmo antes da crise sanitária posta pela pandemia do Covid-19, alterações significativas, demarcadas pelas altas taxas de desemprego, **o aumento da informalidade e o rebaixamento do custo dessa força de trabalho**, como vem comprovando os estudos de ANTUNES (2009; 2018; 2020) recentemente agravadas pela lei da terceirização ampla e a contrarreforma trabalhista, ambas aprovadas em 2017. [...] e o Governo Federal vem insistindo numa contrarreforma administrativa com **o objetivo de fazer mudanças, na carreira, salários e estabilidade do funcionalismo**. Com o período de experimentação posto pela generalização “forçada” do trabalho remoto durante a **pandemia**, temos preocupações de que **essa modalidade possa se tornar definitiva em alguns setores**, inclusive, do segmento técnico-administrativo vinculados ao Poder Executivo federal, incluindo as/os trabalhadoras/es da Educação. (grifo nosso) (BARBOSA E NASCIMENTO, 2020, p.127).

O Serviço Social tem um projeto ético-político a ser seguido, e não é possível adentrar a esse projeto coadunando com essas ideias. Sendo a posição política da ABEPSS e do conjunto CFESS/CRESS e ENESSO um elemento primordial para a manutenção do projeto ético-político do Serviço Social brasileiro, fica evidente que os objetivos e a ampliação de direitos só se mantêm se houver uma base sócio-política alicerçada na práxis política, como meio mais propício à sua execução (BARROCO, 1999). Assim se posiciona a ABEPSS:

[...] a reafirmar a **sua atuação coletiva e histórica na defesa de uma formação profissional e pesquisa crítica**, que assegure o compromisso com os valores e princípios [...] e pela universidade pública, gratuita, laica, **presencial, de qualidade** e socialmente referenciada, na defesa da vida, da ciência e da produção do conhecimento (ABEPSS,2020, p. 279, grifo nosso).

Um projeto de destruição das Universidades Públicas, a precarização do ensino superior, no país com a política neoliberal e a educação se tornando mercadoria, a banalização da ciência, a retirada de bolsas para pós-graduação, tudo isso está em pauta há muitos anos, e, então, o projeto só se adensou ainda mais com a Pandemia da COVID-19.

Por isso, a necessidade de profissionais críticos, qualificados e alinhados às tendências do mercado de trabalho e às novas demandas criadas pelo capitalismo. Os assistentes sociais são profissionais que se dedicam à pesquisa e estão com ela comprometidos, bem como com a renovação e as mudanças no mundo contemporâneo, elementos essenciais da profissão. Assim nos afirma IAMAMOTO (2015, p. 145):

Profissional que também **seja um pesquisador, que invista em sua formação intelectual e cultural** e no acompanhamento histórico-conjuntural dos processos sociais para deles extrair potenciais propostas de trabalho – ali presentes como possibilidades – transformando-as em alternativas profissionais. **Um horizonte é incorporar a pesquisa como atividade constitutiva do trabalho profissional** (grifo nosso) [...].

Portanto, é necessário realizar uma formação que corresponda à atuação

profissional que os assistentes sociais devem ter. Com o aumento das instituições privadas, principalmente o ensino à distância, estamos vendo a “educação desejada” se perder. Paradoxalmente, no contexto atual, o número de profissionais dedicados à defesa de um Serviço Social crítico está diminuindo a cada ano, se considerarmos a precariedade da formação, levando à predominância de leituras que não vão além de perspectivas imediatistas, afastando-se cada vez mais de uma análise total da realidade social.

3 – PACOTE COMPLETO: Tecnologias Informacionais e Adoecimento

O conjunto CFESS/CRESS-RJ/ABEPSS e ENESSO tentou de todas as formas que o ERE não fosse imposto, mas aconteceu. Foi mais do que a destruição dessas lutas, o pacote veio completo. Além das Tecnologias Informacionais se tornarem obrigatórias neste momento, muitos docentes entraram em adoecimento severo por não saberem lidar com as novas tecnologias. Em nota o CFESS/CRESS-RJ/ABEPSS e ENESSO se posiciona:

No que tange às condições **do trabalho docente durante a pandemia**, é preciso considerar que **muitos não estão familiarizados às Ferramentas de Tecnologia da Informação** o que pode representar planos pedagógicos improvisados, [...] Questões como os desdobramentos políticos e legais do uso de imagem, [...] não foram considerados pelas propostas do MEC. **Precisam ser debatidas, considerando os direitos autorais de imagem** e a possibilidade da sua divulgação indevida, dando vazão **às práticas políticas autoritárias** e de **ataque à liberdade de cátedra**, como as estimuladas pelo atual Governo Federal, pelo Ministério da Educação e os apoiadores da “Escola sem Partido” (2020, p. 310, grifo nosso).

E, para piorar a situação, os docentes ainda têm que investir em equipamentos de transmissão e recepção de arquivos, ter uma internet rápida, iluminação, som, e outros investimentos tirados do seu próprio bolso. Para explicar melhor o que de fato esse trabalho “remoto” pode proporcionar, SILVA (2020) pontua que:

[...] A curto prazo, com a pandemia da **COVID-19 associada as mudanças tecnológicas** e ao Estado que se desobriga de cuidar dos cidadãos, a tendência é do **crescimento da nefasta escravidão digital**; o aprofundamento do trabalho precário e informal, do **trabalho uberizado sem qualquer proteção**; a explosão de desempregados e desalentados (SILVA, 2020, p.132, grifo nosso).

Outros questionamentos vão surgindo em tempos de tecnologia avançada, em que o mundo está nas pontas dos dedos. Estamos falando de trabalhadoras/es, neste caso, docentes, de especial forma no Serviço Social, em sua maioria, as mulheres. Mulheres essas que têm papel de mãe, dona de casa, esposa, trabalhadora, pesquisadora, sem deixar de lado a vaidade, e ainda lembrar a lógica produtivista, na qual as universidades inserem os seus docentes, sobretudo aqueles que estão nos Programas de Pós-graduação.

E novamente a ABEPSS/CFESS/CRESS-RJ/ENESSO nos convida a pensar:

Os tempos atuais nos impõem desafios que exigem ousadia para criar novos procedimentos profissionais e avançar na articulação política da categoria de **assistentes sociais e estudantes através do fortalecimento da representação docente e discente nas instâncias colegiadas do universo acadêmico**.[...] Isso exige de nós a defesa intransigente **de um projeto societário emancipatório**, radicalmente democrático e **construído coletivamente**, no enfrentamento a essa realidade, no âmbito da profissão e da classe trabalhadora [...] (p. 311, grifo nosso).

É preciso, neste momento, ter um olhar especial para o adoecimento mental, que comprovadamente tem afetado de forma abrupta os docentes neste período de pandemia. O excesso de trabalho, as atividades remotas que não só se resumem em aulas, mas, também, reuniões de colegiado, *lives*⁴, bancas de defesa de trabalhos, congressos e mais, tendo em vista que a pontuação continua a reger de forma doentia o trabalho dos docentes.

Tudo isso acontecendo dentro de seus próprios lares, misturado com as obrigações matrimoniais, maternais e afazeres domésticos. Esses cuidados que, até então, eram bem divididos em dias e horários, agora já não possuem mais condições para que estabeleçam regras, já que esse processo, em tempos de pandemia, está levando para dentro dos lares o adoecimento mental.

Nos últimos meses temos acompanhado e comprovado nas próprias vivências **os impactos do distanciamento social na saúde mental e na atenção psicossocial**, especialmente porque a “mudança brusca nas atividades do dia a dia (ex., rotina de trabalho, estudos e convívio comunitário), por vezes **sem previsão de quando**

⁴Live em português significa, no contexto digital, “ao vivo”. Na linguagem da Internet, a expressão passou a caracterizar as transmissões ao vivo feitas por meio das redes sociais. As *lives* são feitas de forma simples e ágil, geralmente sem limites de tempo de exibição ou de quantidade de espectadores.

ocorrerá o retorno à 'vida normal', pode provocar sofrimento e insegurança [...]" (FIOCRUZ,2020, p.4). Acrescido a essa questão, "[...], **a diminuição das interações face a face** tende a gerar a sensação de isolamento social, a qual é comumente acompanhada pela sensação de **isolamento emocional** e de privação de liberdade" (BARBOSA, NASCIMENTO, 2020, p.135, grifo nosso.)

Lembrando que tudo isso aconteceu do dia para a noite, pois ninguém estava psicologicamente e emocionalmente preparado para enfrentar todas as adversidades que a Pandemia da Covid-19 trouxe.

A pandemia não passou rápido, como se imaginava, mas está durando mais de 2 anos. Tivemos a vacina, mas infelizmente o nosso Governo se negou a comprá-la a tempo. Como foi dito no início, a ABEPSS/CFESS/CRESS-RJ/ENESSO, novamente, teve que rever a posição contrária ao ERE, pois ainda não temos noção de quanto tempo tudo isso vai durar. Então, o que nos resta é tentar nos adaptar ao "mundo novo", ou o "novo normal⁵" tão exclamado nos últimos anos, mas o que se faz necessário é o estudo aprofundado de cada região para implementação dessa nova modalidade de ensino.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Docentes não são super-heróis, não são personagens de desenho animado ou de qualquer filme, embora muitas vezes "tornam-se em nossas vidas os nossos ídolos", mas, em tese, não é isso. Não existe um protótipo de docente, mas alguns conseguem chegar perto, muito menos uma maneira de fazer essa modalidade de ensino ser a ideal. Os docentes são de corpo e alma e coração, como qualquer outro ser humano, com medo de contrair esse vírus, medo das inovações tecnológicas e principalmente, com medo de que tudo isso não passe, e que caia por terra tudo o que sempre prezaram. Assim Barbosa e Nascimento, acrescentam:

Face ao emaranhado das instabilidades, das incertezas, das inseguranças, **dos medos e dos agravos à saúde** com impactos resultantes – **provocados e/ou intensificados pela pandemia da Covid-19** – adicionado ao avolumado quantitativo de informações e as mudanças recorrentes que caracterizam esse cenário de crise sanitária, "[...] **é esperado que as pessoas apresentem queda na capacidade de concentração**, bem como sensação de letargia, e que muitas vezes

⁵O que seria, pois, o **novo normal** de uma sociedade ameaçada pela COVID-19 é um **conjunto de novas práticas** que se chocam com hábitos instituídos, com os quais **estávamos acostumados**, [...] proximidade dos corpos: as pessoas não são mais vistas como cidadãos, estudantes, fiéis, clientes ou funcionários, mas **como potenciais transmissores** de um vírus (grifo nosso). Para mais, acesse: <https://www.informasus.ufscar.br/novo-normal/>.

leva a diminuição do interesse para realizar atividades cotidianas". (FIOCRUZ, 2020b, p. 6-7). Esses impactos afetam as condições de vida e existências, por conseguinte, as condições de realização e **desenvolvimento do trabalho, bem como da produção do conhecimento** (BARBOSA, NASCIMENTO, 2020, p. 139).

Infelizmente, a falta de preparo ou, talvez, de tato, de muitos, fez com que esse processo de adoecimento seja mais impactante aos docentes, diante das cobranças impostas não só pelas chefias, como pelas próprias portarias existentes. Se pensarmos que essas portarias foram criadas antes da pandemia, deveriam, sem dúvida alguma, ser revistas nesse momento em que a casa se tornou a faculdade, e a faculdade se tornou a casa.

De especial forma as mulheres que assumem, como dito anteriormente, muitas obrigações ao mesmo tempo, em alguns casos, tendo jornada tripla. Com isso, reafirmando a ampliação da participação da mulher nos mais diversos espaços sócio-ocupacionais.

Sem esquecer a lógica produtivista da universidade que precisaria ser revista nesse momento de acordo com Barbosa e Nascimento (p. 144):

As mulheres trabalhadoras que são pesquisadoras também **são afetadas diretamente pelo acúmulo dessas jornadas de trabalho remoto e do trabalho doméstico** no que se refere as pesquisas realizadas e as produções acadêmicas, posto que essa sobrecarga e os agravos da pandemia **comprometem as condições de levantamento de dados, leituras, fichamentos, sistematização de dados, produção do conhecimento e publicações**. Essas implicações reduzem as taxas de produção técnica e científica das mulheres, com rebatimento nas suas respectivas carreiras **enquanto mulheres trabalhadoras e pesquisadoras** (BARBOSA e NASCIMENTO, 2020, p. 144, grifo nosso).

Muito temos que aprender diante dessas imposições que a pandemia da Covid-19 nos trouxe, mas, principalmente, precisamos urgentemente de gestores que tenham, no mínimo empatia, pela população que lhe deu poder. Cabe a nós, a cada um de nós, não desistir de sonhar e lutar para ter um presidente que nos represente e que, no mínimo, possa lutar pela sua população, acerca de direitos e melhores condições de vida.

Nós, enquanto trabalhadores/as, professores/as, cidadãos, devemos sempre nos superar, nos reinventar. Aprender a lidar com novas tecnologias, sem deixar de ter como parâmetro profissional o Projeto Ético Político do Serviço Social. E desejar/fazer com que o

trabalho do docente seja decente.

REFERENCIAL BIBLIOGRÁFICO

ABEPSS. *Nota da Associação Brasileira de Ensino e Pesquisa em Serviço Social acerca dos impactos da pandemia COVID- 19 e as Medidas para a educação. In Temporalis – Brasília (DF): Ano 20, n. 39, p. 267-269, jan./jun.2020.*

ABEPSS. *Nota sobre Trabalho Remoto em tempos de Pandemia: Em defesa da Graduação e Pós Graduação em Serviço Social In Temporalis – Brasília (DF): Ano 20, n. 39, p. 279-284, jan./jun.2020.*

ABEPSS, CFESS, CRESS-RJ, ENESSO. *Trabalho e Ensino Remoto Emergencial In Temporalis. - Brasília (DF): Ano 20, n. 40, p. 306-312, jul./dez.2020.*

BARBOSA, Fábio dos Santos. NASCIMENTO, Ana Paula Leite. *O trabalho remoto na Pandemia da Covid-19: tendências e sequelas para as/os trabalhadoras/es da educação pública brasileira IN NETTO, Artur Bispo dos Santos. FERNANDES, Elaine Nunes Silva (Org), Coronavirus e crise do capital impactos aos trabalhos e à natureza. - Goiânia-Go: Editora Phillos Academy,2020.*

BARROCO, Lúcia. *Os fundamentos sócio-históricos da ética. In: CFESS. Curso de Capacitação em Serviço Social e Política Social: módulo II. Brasília: CEAD,1999.*

FREITAS, Rita de Cássia Santos. ALMEIDA, Carla Cristina Lima de. LOLE, Ana. *As mulheres e a pandemia da COVID-19 na encruzilhada dos cuidados. In LOLE, Ana. STAMPA, Inez. GOMES, Rodrigo Lima R. (orgs). Para além da Quarentena: Reflexões sobre crise e pandemia. – Rio de Janeiro-RJ: Mórula Editorial,2020.*

IAMAMOTO, Marilda Villela. *O Serviço Social na Contemporaneidade: trabalho e formação profissional*. 26. ed. São Paulo: Cortez, 2015. MONTAÑO, Carlos. *A constituição da Ideologia e dos Projetos do “Terceiro Setor”*, In MONTAÑO, Carlos (Org). *O Canto da Sereia: a crítica à ideologia e aos projetos do “terceiro setor”*. – São Paulo: Cortez, 2014.

MONTAÑO, Carlos. *A constituição da Ideologia e dos Projetos do “Terceiro Setor”*, In MONTAÑO, Carlos (org). *O Canto da Sereia: a crítica à ideologia e aos projetos do “terceiro setor”*. – São Paulo: Cortez, 2014.

SILVA, Percival Tavares da. *Precarização do Trabalho em tempos de pandemia da Covid-19*. In LOLE, Ana. STAMPA, Inez. GOMES, Rodrigo Lima R. (orgs). *Para além da Quarentena: Reflexões sobre crise e pandemia*. – Rio de Janeiro-RJ: Mórula Editorial, 2020.

TEODORO, Maria Cecília Máximo. *O panóptico pós-moderno no trabalho*. In CARELLI, Rodrigo de Lacerda. CAVALCANTI, Tiago Muniz. FONSECA, Vanessa Patriota de. *Futuro do Trabalho: Os efeitos da revolução digital na sociedade*. - Brasília-DF.: ESMPU, 2020.

,